ANO 7.º — Sexta-feira, 3 de Abril de 1914 — NUMERO 316

# O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Ano (Portugal e colónias) | 1$20 |
| Semestre | $60 |
| Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte | 2$50 |
| Avulso | $02 |

REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

| | |
|---|---|
| Por linha | 4 centavos |
| Comunicados | 2 centavos |

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

## INCICLICA

*Quid habet aures audiendi, audiat.*
Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça.

*Padre!*
*Ergue para a Luz, sereno, o teu olhar*
*Sem a sombra do Dogma a turvar-te a Razão;*
*Deixa que ela difunda em tua alma o luar*
*Que rasga em cada noite um suave clarão!...*
*Porque a tua doutrina é como a eterna noite*
*Onde não brilha um astro em fulva incandescencia,*
*E, triste do mortal aonde ela se acoite*
*Como um verme a roer-lhe o fruto da Sciencia.*
*O deus dos teus sermões é falso como um Judas,*
*Rebatido ao balcão das mentiras papais,*
*Inventaste-lo tu, para que melhor iludas,*
*Com teus ardís de aranha, os incautos mortais!*
*Moldado no cadinho aonde se fundiu*
*A alma de Loiola e do vil Torquemada,*
*Foi num auto de fé que esse teu deus surgiu*
*Do fumegante odôr da carne rechinada,*
*E se hoje lhe não dás almas a redimir*
*Como a Inquisição imolava ao teu deus*
*E' que as penas do Inferno estão quasi a falir*
*E vão passar de moda os castigos dos ceus!*

*Convertês-te Jesus, triste visionario,*
*Em falso chamariz de hipocritas doutrinas*
*E, fazendo-o subir a um novo Calvario,*
*Em seu augusto nome as almas assassinas!*
*Se o ingenuo Rabi, ao mundo hoje voltasse*
*Sería para te dar formidavel exemplo,*
*Chicoteando sem dó a tua imunda face*
*Como outr'ora já fez aos vendilhões do Templo.*
*Como imitaste, ó padre, o palido Jesus?!...*
*Cantam lendas cristãs que em tarde de procela,*
*Resignado e sereno, ele morreu na cruz*
*E tu, com impudor, vives á custa dela!*
*Só a ti deu proveito o ingenuo sacrificio,*
*Se na crença morreu de salvar os mortaes,*
*Pois que dizendo missa—é esse o teu oficio—*
*Vaes metendo na bolsa alguns cobres a mais,*
*E, para exercer em grotescas mesuras*
*Ao ar livre, no campo, ou mesmo em qualquer nicho,*
*Para beber-lhe o sangue em vinho o transfiguras*
*Pois que, sendo em jejum, é melhor mata-bicho!...*

*Parasita voraz da humana consciencia*
*E' propicia a treva a teus malditos planos*
*E, tentando apagar os clarões da Sciencia,*
*Andas nessa tarefa ha quasi dois mil anos.*
*Não póde vêr o Sol o noturno morcego*
*Que só na sombra vive assim como um ladrão,*
*Como a ele tambem, a Luz te torna cego*
*Pois não queres abrir os olhos á Razão.*

*O' Padre! é tempo já de arrepiar caminho*
*Abrindo o coração á Justiça, á Verdade,*
*Rasgares a sotaina onde tem feito ninho*
*Como aves de rapina, a Mentira, a Maldade.*

*Bastam á Humanidade as dôres que a consomem,*
*Não venha o teu terror tornal-a ainda mais triste!*
*Não queiras mais ser padre e sê apenas homem...*
*. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .*
*Deixando Deus em paz, se acaso Deus existe!*

Ilhavo

**Samuel Maia**

## DR. AFONSO COSTA

No Porto realisou-se no domingo um colossal banquete em honra deste eminente homem publico, que presidiu ao ultimo govêrno e cuja obra financeira e administrativa ficou perduravelmente marcada como um vasto plano reformador que a Republica pretende levar a cabo por intermedio do insigne estadista, justificando assim o direito da sua existencia.

A vasta nave do Palacio de Cristal quasi se tornou pequena para comportar o elevado numero de pessoas que ali nesse dia se juntaram com o fim de saudar em Afonso Costa a suprema encarnação da Republica Portuguêsa, podendo afoitamente dizer-se que nunca naquela cidade se realisou um banquete tão grandioso e significativo como este oferecido agora ao autor da lei da Separação a que o Porto vota especial estima, como por diversas vezes tem tido ensejo de evidenciar.

Além dos 1:280 convivas entre os quaes figuravam ministros, senadores, deputados, autoridades civis e militares, vereadores das câmaras do Porto e de muitos outros concelhos do país, direcções e socios de todas as agremiações republicanas da invicta cidade e de quasi todos os centros e comissões democraticas do norte e sul, representantes da marinha e exercito, professorado, comercio e industria e todas as classes sociaes, viam-se as galerias repletas de senhoras o que tudo dava ao espaçoso recinto, ornamentado a capricho, uma nota de excepcional grandêsa jámais egualada nos nossos dias.

Ao *toast* foram proferidos vários discursos visando todos o homenageado, agradecendo, no final, o sr. dr. Afonso Costa as provas de carinho e afecto com que o Porto uma vez mais o tinha recebido.

O discurso do notavel orador nenhum jornalista conseguiu dar uma palida ideia do que ele foi, tal a eloquencia e as manifestações de aplauso a que deu logar cada um dos seus periodos O sr. dr. Afonso Costa descreveu largamente, com farta copia de detalhes, toda a acção do Partido Republicano Português desde que se implantou a Republica, especialmente a parte que se refere ao tempo que esse partido foi govêrno. Depois aludiu á lei da Separação e a outras das mais importantes promulgadas emquanto foi ministro, fazendo a todas elas considerações que arrancaram á assistencia constantes salvas de palmas.

A analise á atitude dos partidos da oposição em diversas conjunturas parlamentares foi tambem rigorosa e dura. Antes de terminar, o sr. dr. Afonso Costa chama a atenção do povo e dos democraticos para o premeditado assalto dos monarquicos travestidos de republicanos que querem fazer o jogo da reacção, citando o exemplo de Boulanger na terceira Republica francêsa. Recorda os serviços prestados á defêsa das instituições pelo partido republicano português em 27 de Abril, 10 de Junho, 20 de Julho e 21 de Outubro e os prestados á maior das liberdades publicas—a de consciencia—com a lei da Separação, verberando a fórma por que as oposições a estão discutindo no parlamento, e finalmente remata o seu eloquente discurso expondo a vasta obra financeira do partido a que pertence o que arranca comoventes manifestações ao glorioso democrata terminadas por uma verdadeira apoteose á saída da nave, a que se associou o elemento feminino e a enorme multidão que cá fóra se apinhava, aguardando-o.

A viagem ao Porto do sr. dr. Afonso Costa cujo prestigio alguns republicanos pretendem ofuscar, é daquelas que ficam indelevelmente marcadas na historia dum povo, porque é bem o triunfo duma causa que se ante-vê proximo, o triunfo da Liberdade sobre a reacção contra a qual é mister que nos defendâmos auxiliando a obra dos que mais fundo lhe pódem vibrar o golpe de exterminio.

E o dr. Afonso Costa é um desses como já o demonstrou.

---

**O medico José Soares mudou a sua residencia para a rua do Carmo, n.º 20, junto do quartel de Cavalaria 8.**

## Infelizes...

A proposito da projectada fusão dos dois partidos, *unionista* e *evolucionista*, em que os jornaes se ocuparam ultimamente, comentando-a por diferentes fórmas e feitios, o orgão oficioso deste ultimo, *Republica*, publicou a seguinte nota da Junta Central:

«Não se chegou a um entendimento util para a fusão dos dois partidos evolucionista e unionista, apesar dos esforços neste sentido empregados por ambas as partes.

Depois da mensagem enviada pelo partido evolucionista á comissão que se havia constituido para tratar este assunto e em que se apresentavam as condições que ao partido evolucionista, representado pelas suas comissões de Lisboa e pela maioria dos seus parlamentares, pareceram as convenientes para a formação do novo partido, ainda se constituiu uma nova comissão de parlamentares dos dois partidos com o fim de vêr se se chegava a um definitivo entendimento.

Ouvidos os srs. Antonio José de Almeida e Brito Camacho, um e outro declararam pessoalmente decididos a manter as suas opiniões ácêrca da denominação que se devesse dar ao novo partido, sendo cérto que o sr. Antonio José de Almeida, tomando essa atitude, traduziu a opinião unanimemente manifestada numa vasta reunião de parlamentares e das comissões de Lisboa; em consequencia desta reciproca atitude dos dois *leaders*, a comissão, tendo reunido ontem, resolveu dissolver-se, não proseguindo mais nas suas tentativas e dando como findas todas as negociações tendentes á projectada fusão.»

E aqui está como por causa dum simples nome vai por agua abaixo um enlace que tanto prometia...

Mas se a formula era, no dizer do chefe *unionista—ou fundidos... ou coisa parecida*—concluirmos que do fracasso não se póde admitir já duvidas...

Deram em bôa...

## A "SOBERANIA,"

Não nos tem sido possivel, pelo muito original aglomerado, continuar os artigos que a atitude da gasêta de Agueda nos sugeriu depois que se fez monarquica por despeito dos seus redactores e especialmente da *casa do conselheiro*, que, como se sabe, foi das primeiras a aderir com mais entusiasmo á Republica logo que a viu triunfante. Para a semana, porém, contâmos reatar a série de considerações que vinhâmos fazendo sobre o caso, prometendo desde já para muito breve a reprodução dum celebre discurso do Conde de Agueda, que é bem o espelho da sua sinceridade, das suas convicções, do seu caracter.

## Pescadores de Aveiro

Recebemos, impressa, uma nova representação que vai ser entregue ao Parlamento sobre o palpitante assunto que ha anos se vem debatendo entre a classe piscatoria e o poder central, na qual é instantemente solicitada a modificação do atual regulamento da pesca de fórma a não prolongar por mais tempo a crise aguda por que estão passando os nossos pescadores, quiçá a situação aflitiva em que alguns se encontram e que digna é de ser ponderada quanto antes, acabando-se duma vez para sempre, e na medida do possivel, com o que anualmente, por esta época, se dá de gràve para os pobres que doutra coisa não vivem senão do produto da pesca em que se empregam.

A representação a que referimos é extensa, motivo porque a não publicâmos. No entretanto pódem os pescadores contar com o nosso apoio moral em favor da sua causa desde que não vá de encontro á obra de defêsa que é necessario estabelecer e manter na ria para que não desapareçam de todo as diferentes especies iteologicas que a povoam.

## O 7.º aniversario de O DEMOCRATA

**Saudações da imprensa**

Do *Desforço*, de Fafe:

**Aniversario jornalistico**

«O belo semanario republicano radical *O Democrata*, que tem por director o nosso querido camarada Arnaldo Ribeiro, entrou no 7.º ano de uma honrada existencia.

Republicano avançado, tem prestado á Republica que lhe custou como a nós, relevantes serviços, que teem sido pagos com ingratidões, o que não o afrouxa de pugnar pelo que é de direito para nós todos republicanos dos saudosos tempos da oposição.

A Arnaldo Ribeiro e aos seus colegas de redacção, um grande abraço muito cordeal.»

Do *Domingo*, de Aldegalega:

**«O Democrata»**

«Com o n.º 311 encetou este nosso presado colega de Aveiro no 7.º ano de publicação.

Mui cordealmente felicitâmos o colega apetecendo-lhe a mais longa e prospera existencia.»

Do *Democrata*, de Santo Tirso:

**«O Democrata» de (Aveiro)**

«Entrou no setimo ano da sua publicação este nosso presado colega, que vem prestando, desde o tempo da ominosa, os mais importantes e valiosos serviços, na cidade e distrito de Aveiro, á causa republicana.

Emviâmos as mais calorosas saudações ao seu ilustre director politico, o nosso velho amigo e prestante correligionario, Arnaldo Ribeiro.»

Da *Democracia do Sul*, de Montemór-o-Novo:

**Pela imprensa**

«Completou ha dias mais um ano o nosso presado colega de Aveiro, *O Democrata*, denodado campeão da Democracia, que é superiormente dirigido pelo sr. Arnaldo Ribeiro.

Efusivos cumprimentos ao presado colega pelo seu aniversario.

De *O Abrantes*, da vila que lhe dá o nome:

**«O Democrata»**

«Registou mais um ano de existencia na sua vida jornalistica este nosso estimado colega que se publica em Aveiro, sob a direcção do velho republicano sr. Arnaldo Ribeiro.

Apresentâmos-lhe as nossas felicitações.»

Alem dos colégas que temos citado, ainda outros, como o *Heraldo*, de Faro; o *Progresso*, de Aveiro; o *Concelho de Estarreja;* o *Correio de Vagos*; o *Povo do Norte*, de Vila Real; o *Benaventense*, de Benavente; o *Imparcial*, de Pombal; a *Humanidade*, de Coimbra e os *Sucéssos*, do Corgo Comum, se dignaram cumprimentar-nos tambem por motivo do nosso aniversario o que a todos agradecemos devéras reconhecidos.

## Continuando

*Meu amigo*

Viram já cousa mais carateristicamente indicadora da falta de razão para aqueles que todos os dias, na sua imprensa e nos seus discursos, gritavam a toda a força dos pulmões contra a indispensavel revisão na lei da Separação? Se eu aqui me envolvesse nas questões politicas, sobre este caso muito teria que dizer. Mas como só no campo em que me encontro —batalhando exclusivamente contra tudo quanto seja fanatismo religioso—desejo e quero manter-me, tratarei apenas do triste caso dentro desse meio restrito, notando, como toda a gente, a falta de criterio e de rasão de tantos quantos para os seus fins politicos ou para remate de discursos e conferencias se horrorisavam defrontados com as disposições irreverentes, intolerantes e facciosas da lei da Separação. Lei feita de acinte; produto heretico de feroz demagogia; lei destruidora e desrespeitadora da crença alheia—que de belas tiradas retoricas sobre este têma, com declarações á mistura da insuspeição dessas palavras proferidas por livres pensadores!... O que ouvimos aí da boca do sr. Antonio José de Almeida! Com que tristeza disso me recordo! Mas... a lei da Separação foi sempre uma belissima pedra de toque para as ocasiões solenes em que é preciso aparentar motivos que justifiquem tão fementidas queixas. E foi tão repetido esse argumento, fez-se de tal fórma taboa rasa das disposições de esse diploma, o mais completo e justificativo das novas instituições, que o novo ministério incluiu a sua discussão, como imprescindivel, no seu programa de apaziguamento e cordealidade entre os chefes politicos abertamente em luta.

Marcado o dia para o debate foi este iniciado com um brilhantissimo discurso proferido pelo autor da lei, o sr. dr. Afonso Costa, discurso inteiramente assente, não em espalhafatosas palavras apenas de efeito momentaneo para entusiasmar assembleias, mas em dados e em factos indistrutiveis da historia e da verdade, que só os fanaticos e intolerantes não querem ouvir nem querem acreditar.

A misera inscrição de oradores logo denunciou a pobreza de razão para combater ou discutir o importante documento. E assim, vara de quinze dias para apenas ter falado um padre, que mastigou sonorosas palavras sem mais outro resultado, e, a seguir, outro deputado, em duas sessões, que afinou pela argumentação eclesiastica do orador antecedente.

Em quarto ou quinto logar, fechando a inscripção, figura o nome do sr. Antonio José de Almeida. Que irá dizer de peso e de razão, sobre o assunto, esse homem que deveria entre todos ser o unico a estar calado?

No entanto a discussão arrasta-se com uma morosidade doentia e enfastiante claramente denunciadora de que sobre a lei

pouco ha que dizer e esse pouco em muito pouco se resume:—ampliar algumas disposições nela contidas e radical-as mais, não só com o espirito da época, mas com a necessaria defêsa que é preciso manter a favor da liberdade de consciencia e de pensamento.

E assim, áparte o tristissimo papel desempenhado por esses que baseavam em manifestas falsidades e descaradas mentiras os argumentos dos seus discursos e dos faiscantes artigalhões da sua imprensa, alem de apanhados agora em flagrante e mentirosa contradição, sobejamente me convencem de que a lei não póde nem deve sofrer a mais leve mutilação.

Mas não é só em Portugal que se tentou essa luta, infelizmente, entre nós provocada pelos proprios republicanos. Em França, a proposito da secularisação da escola tem-se no parlamento travado verdadeiros duelos entre o govêrno e os reaccionarios representados por vários elementos monarquicos, que num esforço supremo tem inutilmente tentado combater essa medida.

Toda a imprensa daquela capital celébra o eloquente discurso que o ilustre parlamentar mr. Viviani pronunciou na câmara defendendo a secularisação da escola. A câmara dos deputados aplaudiu-o calorosamente; mas o Senado fez mais: concedeu-lhe a honra de ser afixado em toda a França, distinção conferida a poucos. A ultima alcaçára-a Briand, com o seu famoso discurso sobre a aplicação da lei da Separação.

Mr. Viviani, num dos pontos mais palpitantes e veementes do seu belo discurso, dirigindo-se aos reaccionarios presentes, exclamou:

«Quereis saber como nós entendemos que deve incutir-se a existencia de Deus? Ensinando a tolerancia. A crença em Deus, sob qualquer fórma que ela se manifeste, não deve ser objecto de nenhuma baixa injuria, não só da parte das creanças, como da parte dos adultos. Devem respeitar-se todas as crenças e convicções, quando são sincéras, quando radicam na rasão, no coração e na sensibilidade.

O que incomoda os catolicos é que nós não prometemos a ninguem as doçuras do paraíso, nem aterramos o nosso proximo com as escuridões, interminentes, do inferno. O grande principio filosofico moderno é este: *a humanidade deve resgatar-se por si mesma, pelo seu sofrimento e pelo seu trabalho.*

Não haja, pois, controversias, nem discussões metafisicas na escola.

Quando encontrarmos na praça publica os homens, temos o direito de lhes dizer que as unicas regras que admitimos são as que a sua consciencia lhes dita; que a unica recompensa está na satisfação do dever cumprido, na anonima gloria duma obra comum, na sua contribuição para a felicidade das gerações.

Se a egreja nos trouxesse tão sómente a sua crença e a sua paz, a benção para os mortos e a consolação para os vivos, não nos inquietariamos.

Mas ela quer ser govêrno e conquistar.

Não póde ser. O papel da Republica é educar as almas.»

Que belas e verdadeiras palavras!

Não descança, porém, a seita. Ainda que batida em toda a linha, fugindo sempre aos clarões da liberdade, ela não perde o ensejo de mostrar a sua resistencia nesta luta tenaz e de morte.

Eis o que a seu respeito informa a imprensa de Roma:

«Os jesuitas preparam-se para celebrar com grande solenidade o centenario da restauração da sua Ordem. Suprimidos por Clemente XIV em junho de 1763, com a celebre bula *Dominus ac redemptor*, os jesuitas, expulsos de todos os países da Europa, continuaram vivendo, sem modificar em coisa alguma a sua organisação, na Russia onde encontraram a protecção de Catarina II. Meio seculo depois, em agosto de 1814, Pio VII restabeleceu, com a bula *Solecitudo omnium eclesiarium*, a Ordem dos jesuitas, na sua fórma primitiva. Por ultimo, Leão XIII, a 13 de julho de 1886, dissolveu-lhe por meio dum Breve, todos os privilegios que disfrutava antes da sua supressão.

Com motivo no centenario a que aludo, Pio X dirigira ao general dos jesuitas, padre Wernz, um Breve laudatorio, sendo além disso muito provavel que, no proximo Consistorio, o Pontifice honre aquela Ordem com a nomeação doutro cardeal, pois esta já está representada no Sacro Colegio pelo cardeal Bilot. Não sería esta a primeira vez que os jesuitas contam com dois barretes cardinalicios, porquanto, tambem debaixo do pontificado de Leão XIII, houve simultaneamente os cardeaes Steinhuber e Mazzella ambos pertencentes á Companhia de Jesus. A final de contas, isto nada tem de particular porque, sob qualquer Pontificado, os jesuitas exercem invariavelmente uma positiva e poderosissima influencia na politica da Santa Sé. Este ano, por ocasião do centenario da sua restauração, os jesuitas completarão tambem a parte mais importante da historia da sua Ordem. E' uma obra que começou ha muitos anos a ser redigida e que será muito volumosa e ilustrada de muitos documentos inéditos de extraordinaria importancia.

Mas, apesar de tudo, hade soar a hora do seu completo exterminio, da sua derrota absoluta.

Trabalhemos todos...

**S. J. M.**

## INTERESSES LOCAES

# A remodelação da Escola Industrial de Aveiro

Foi ha dias enviada ao sr. presidente do Senado uma representação da câmara deste concelho em favor do projecto que um deputado apresentou sobre a remodelação da Escola Fernando Caldeira e que, por se tratar dum assunto de bastante interesse para esta importante região, aqui a estampâmos para que déla tenham conhecimento e secundem os esforços da câmara todos os amigos de Aveiro que possam e o queiram fazer.

*Il.mo Ex.mo Senhor*

*Presidente do Senado*

*Lisboa*

A *Escola Industrial Fernando Caldeira*, em Aveiro, deve ser remodelada e orientada no sentido industrial propriamente dito; artistico, industrial, comercial e nautico:

No sentido industrial, creando junto da escola um gabinete ou laboratorio quimico onde se adquiriam os conhecimentos necessarios praticos, efectivos para a analise dos productos naturaes da região e mórmente da ria, um estuario de mais de dez leguas de extensão.

No sentido *industrial-artistico* porque nésta cidade e à volta déla existem importantes fabricas de ceramica, faiança e porcelana. A fabrica da Vista-Alegre, que é incontestavelmente a primeira da peninsula, fabríca a porcelana artistica e caseira, não falando nas fabricas de telha, igualmente importantes, onde se fabricam tambem productos artisticos e ainda de pequenas industrias de louça espalhadas pelo distrito e á volta da cidade. Tambem vem a proposito lembrar a industria do mobiliario e artes correlativas, a industria do ferro artistico, do canteiro, estucador, pintura decorativa, etc.

. . . . . . . . . . . . . . . .

No *sentido comercial* porque emigram désta cidade para o Brazil e Africa muitos empregados do comercio que se arriscam a grangear meios de fortuna ou melhorar a sua situação longe daqui, levando apenas como bagagem de conhecimentos profissionaes o que aprenderam ao balcão sendo enorme a lucta que teem de sustentar para fazer valer as suas aptidões, que são poucas ou nenhumas comparadas com as habilitações de que vão munidos os empregados extrangeiros de diferentes países ou mesmo de Lisboa e Porto. Não se encontra aqui meia duzia de individuos naturaes désta cidade que saibam fazer uma escrita, comercialmente falando. E porque? Porque o meio é pobre e esses individuos, ávidos de saber, não pódem por falta de recursos pecuniarios colher fóra désta terra os conhecimentos de que tanto necessitam para a vida comercial.

No *sentido nautico* por mais fortes rasões ainda. Esta região é essencialmente maritima e principalmente Ilhavo, a 5 quilometros désta cidade cuja população é proximamente egual á de Aveiro. Aquéla vila exporta para os Estados-Unidos do Brazil, America do Norte e Africa uma grande parte da sua população, a qual sae nas mesmas condições em que vão os individuos que se dedicam ao comercio—porque só em Lisboa pódem fazer o seu *curso de pilotagem.*

A influencia do ensino ministrado nésta escola apezar de deficiente é ainda muito teorisado, pois o aluno devia tornar concretos, por meio do trabalho oficinal, os desenhos elaborados na escola, tornando-se então eficaz a sua aprendisagem, fixando assim melhor os produtos da sua inteligencia e habilidade. Antes da existencia da escola algumas industrias existiam apenas no seu estado rudimentar, acentuando-se de então para cá o seu progresso material e artistico, taes como a *arte do ferro*, da *cantaria*, da *pintura decorativa*, de *estucador* e *arte de construir.*

A Fabrica da Vista-Alegre, a 7 kilometros désta cidade, creou aqui um nucleo de artistas que foram distintos alunos desta escola e com os quaes melhorou a fatura dos seus productos.

* * *

A'cêrca da situação social dos alunos ocorre-me dizer que alguns ocupam lugares distintos, e assim: Duarte Magalhães, mestre da oficina de pintura na fabrica da Vista-Alegre; Francisco Miller, mestre da formação na mesma fabrica; Antonio Franco, gravador na referida fabrica; Antonio Augusto da Silva, construtor civil; Antonio de Freitas & Filho, mestres canteiros; Joaquím Ferreira Barreto, estucador e pintor decorador; Francisco Luís Pereira, pintor ceramico na fabrica de faiança da Fonte Nova; Carlos da Silva Ribeiro, hoje distinto aluno da Academia Portuense de Belas Artes, os tres primeiros da Vista-Alegre e os restantes désta cidade.

E muitos outros de somenos importancia cuja passagem por esta escola lhes foi benefica.

* * *

A soma atualmente dispendida com o ensino existente, desenho geral elementar e ornamental é de 2:558$500 escudos e a soma a dispender com a remodelação futura será de 3:840$500 escudos, incluindo pessoal docente e custeio de oficinas e respectivos mestres para pintura ceramica, formação e marcenaria o que prefaz a soma total de 6:398$500 escudos.

Saude e Fraternidade

Aveiro 20 de março de 1914.

O Presidente da Comissão Executiva,

(a) **Bernardo de Sousa Torres**

## Bruxa a menos

—=(*)=—

No numero do dia 26 do mez findo lê-se na *Opinião*, de Oliveira de Azemeis:

«Morreu domingo ultimo a celebre bruxa de Adães, conhecida em todo este concelho e redondezas como a mais habil das culturas de *malas-artes*...

Com terra de sete sepulturas, baba de caracóes, caquinha de lagartos, sapos cosidos, ramos de alfazêma, alecrim, arruda e outros ingredientes de igual *virtude*, a mulher que acaba de dar o triste pio prendeu e desmanchou muitos namoros, desfez e deu força a muitas malquerenças, expeliu e dominou maus espiritos, poz ás suas ordens todas as potencias infernaes, só não conseguiu, com todos estes maravilhosos poderes, dar um coice na Morte, quando esta se lhe apresentou para lhe pespegar o beijo fatal!

Pois é verdade—senhoras e senhores papalvos—morreu a bruxa de Adães!...»

Que a terra lhe seja leve. E' de menos uma, talvez das mais afamadas do distrito de Aveiro e que mercê da incuria das autoridades ou fosse lá por que fosse, viveu uma vida de rosas a explorar a humanidade, defumando-a ao mesmo tempo conforme o uso de tão circunspectas creaturas...

Não deixou filhos; mas em compensação alguns imitadores e discipulos ficáram, para continuar a obra dissolvente da defunta pitoniza.

## Caixa economica postal

—=(*)=—

Já por várias vezes nos temos referido nas colunas do *Democrata* á utilidade desta recente creação, que nunca é demais encarecer, mórmente pelas vantagens que oferece nas terras em que ha fabricas, oficinas, regimentos e escolas cuja população encontra, sem dificuldades, meio de colocar quaesquer economias amealhando-as com a maxima segurança e relativo interesse para o depositante.

Assim, em todas as estações telegrafo-postaes aceitam-se depositos, á ordem, em dinheiro, desde 20 centavos a um conto, e em estampilhas, das taxas de 1|2 a 2|5 centavos, por meio de boletins, até 20 centavos cada boletim e vencendo juro de 3 0|0 ao ano.

Os vales de correio nacionaes, internacionaes e ultramarinos e as ordens postaes pódem ser endossadas á *Caixa Economica Postal* para serem creditados na conta corrente de qualquer titular, para o que basta envia-los em subscrito cerrado á séde da Caixa em Lisboa. Tambem se aceitam, para o mesmo fim, copons de papeis de credito, cheques nacionaes e internacionaes e outros titulos a cobrar, devendo estes ser remetidos em carta com valor declarado á séde da Caixa, rua Alves Corrêa (vulgo rua de S. José) 14, Lisboa.

As mulheres casadas pódem depositar dinheiro e fazer reembolsos sem carecerem da assistencia dos seus maridos. Egualmente não precisam das licenças dos paes ou tutores os menores que queiram fazer depositos nesta Caixa, não podendo, porém, fazer saques sem terem mais de 7 anos. Aos menores possuidores de cadernetas permite-se consignar a clausula de não poderem levantar os depositos antes de cérta idade ou depois de atingir essa maioridade. Sendo do sexo feminino poderá levantar depositos só depois de efectuado o seu casamento.

Em impressos especiaes denominados *boletins* fornecidos gratuitamente, ha espaço destinado a poderem afixar 40 estampilhas de 1|2 centavo, meio bem pratico para amealhar 20 centavos.

Como garantia, o Estado torna-se responsavel pelas importancias arrecadadas na *Caixa Economica Postal* pelo que nada pódem recear aqueles que á guarda delas entreguem os seus capitaes consoante desejem e em harmonia com as indicações que hoje aqui deixâmos minuciosamente detalhadas para que o publico as conheça e aproveite se puder e quizer utilisar-se da *Caixa Economica Postal.*

## Banda do 24

Informam-nos que o digno coronel comandante de infanteria 24, tomando na devida conta as considerações que aqui fizémos sobre a conveniencia de uniformisar por egual, na sua totalidade, a banda do mesmo regimento, ordenou as devidas providencias nesse sentido.

Apressamo-nos, por isso, a registar o nosso penhorante agradecimento a sua ex.ª

## Providencias

Chamâmos a atenção de quem competir para que sejam reprimidos os abusos do encarregado do serviço postal em Urucará, Estado de Manaus, onde habita o nosso assinante José Luciano Lagoeiro, por ser o principal responsavel, dizem-nos, das constantes faltas de correspondencia dirigida a este, o que por principio algum se póde tolerar.

# Simplicidades de... Cunha e Costa

Estamos ainda sobre a impressão que nos deixou a leitura da—*simples declaração*—firmada pelo sr. dr. Cunha e Costa e que o orgão miguelista, que, pelos modos, esqueceu as suas antigas tradições para armar em talassa *enragé*, publíca em fundo, fazendo ao tristissimo escrito largos comentarios e vários confrontos que... só a decrepitude desculpa.

A tal *simples declaração* implica, mais uma vez a simples afirmativa de que o seu autor, o sr. Cunha e Costa, é novamente... monarquico!

Como os leitores vêem a cousa é mais que simples—é simplicissima—felizmente só para o espirito do sr. Costa e dos colégas da redacção do velho defensor da forca e do cacete.

Na aludida declaração, autentico documento do quanto póde a vaidade dum homem, a mais perniciosa qualidade que póde possuir qualquer individuo, o sr. Costa chega a expressar-se assim: *o sr. D. Manuel nunca podia ter-me recusado aquilo que nunca lhe pedi, nem eu sou homem a quem um Principe portuguez, a menos que tivésse enlouquecido, recusasse uma audiencia!!!*

Ora vejam lá em que conta se tem, quem, afinal, classifica de *simples* a sua nova profissão de fé politica! E' de morrer a rir...

O inicio da carreira politica do homem da *simples declaração*, foi no campo republicano. E isso entende-se:—néssa época era o que poderia dar mais... Depois foi monarquico ferrenho e entusiasta—era o que pelo Brazil mais rendia. Mais tarde, no regresso á Patria, todos aquêles merecimentos se ofereceram de novo ao ideal republicano, aparecendo vários escritos nos jornaes que, saindo em calor e rétorica, fóra das praxes seguidas, pozéram em destaque o nome do seu autor. Emfim, Cunha e Costa regenerava-se, voltava ao aprisco, arrependido e contrito...

De novo têve preponderancia a dentro do partido republicano. O facto, como se vê, era *simples*... Agrava-se a situação, porém, encarniça-se a luta, descobrem-se crimes gráves, e principia o desmoronamento do velho regimen. Néssa altura aparece o sr. Cunha e Costa, com um pé nos republicanos outro nos monarquicos, empenhado na defêsa dum dos maiores inimigos daquêles e o mais responsavel da grandissima ladroeira do Crédito Predial. Era questão prometedora, de facto. Nuns comicios republicanos, onde apareceu, o sr. Cunha e Costa é impedido de fazer uso da palavra...

Tudo cousas *simples*, como vão os leitores vendo.

Faz-se a Republica. O sr. Cunha e Costa mais uma vez com toda a *simplicidade*, sauda e abraça o novo sol redentor.

Fez uma Constituição, a lei do divorcio, da Separação, tudo, tudo, da maneira mais *simples*. Se não fôsse ele, que sería do govêrno provisorio?!... Cousa muito *simples*—um completo desastre.

Propõe-se depois deputado republicano por um circulo deste distrito, mas derrotado foi com toda a *simplicidade* apezar das conferencias realisadas e das declarações *simples* e tudo o mais que o orador prégou. Este fracasso fez com que o sr. Cunha e Costa amuasse até ao aparecimento dos seus primeiros artigos de ataque ás instituições que o levaram a homisiar-se por causa do movimento revolucionario ultimamente realisado. De volta a Portugal, cujo nome *tanto honrou* lá fóra—em Paris, em Londres, na Suissa—eis que nos aparece Cunha e Costa com a *simples declaração* de que é outra vez monarquico. E explica: *Monarquico sou, com efeito, a partir désta simples declaração. Mas tambem faltaria áquéla absoluta lealdade que orienta todos os meus actos se clamorosamente afirmasse o meu fervor monarquico. Esse não o posso ter. Durante vinte anos combati a monarquia como pude e soube, e quem assim procedeu não é agora, em curtos mezes, que improvisa fé realenga e brazão heraldico.*

*Adopto a solução monarquica por puro patriotismo, a frio, raciocinadamente, por outra não haver melhor, e, já se deixa vêr, o meu partido monarquico continua a ser o que o meu partido republicano foi.*

*Quando estou sósinho está o partido em assembleia geral.*

Ora aí o *tendes!*

Querem cousa mais *simples?* Está claro que D. Manuel ou qualquer principe portuguez, a menos que tenha enlouquecido, não recusa, não póde recusar uma *simples* audiencia a um homem déstas cousas tão... *simples!*...

Que *simples*... tristeza resulta de tudo isto!

## Junta Distrital de Aveiro

(Comissão executiva)

Na sua reunião ordinaria de sabado, a que presidiu o vogal mais velho, Elisio Filinto Feio, na falta justicada do presidente, secretariado por Arnaldo Ribeiro, tomou conhecimento do expediente e do balancête do tesoureiro, resolvendo enviar uma circular a todas as câmaras do distrito pedindo o consentimento a que se refere o § unico do n.º 26 do artigo 45 da lei de 7 de Agosto de 1913 para levar a efeito o emprestimo que tem em vista contrair por conta da percentagem de 3 °|o lançada sobre as contribuições directas e geraes do Estado, que deve ser recebida em Janeiro de 1915, afim de se poderem pagar as despêsas obrigatorias da Junta.

Por ultimo deferiu dois requerimentos para a entrada de menores no asilo e autorisou vários pagamentos ficando tambem de responder a uma circular da Comissão Executiva da Junta Geral de Lisboa ácêrca de assuntos do maior interesse para o país.



## PELA NOSSA COSTA

—=(*)=—

E' sem duvida alguma alarmante o que se está passando em frente á nossa costa assim como para o norte, relativamente á pesca de arrasto na qual se empregam numerosos barcos espanhoes, a vapor, constantemente invadindo as aguas portuguêsas o que independente do abuso que representa está causando um mal enorme, um prejuizo incalculavel ao resultado da pesca por meio de *chávegas* cujos trabalhos vão começar dentro em breve.

E' cérto que em vista das reclamações já entregues ao parlamento, do ministério da marinha foi ordenada a saída de duas canhoneiras para exercerem a respectiva fiscalisação. Contudo não é menos cérto que esses dois navios são mais que insuficientes atendendo á enorme extensão da costa a fiscalisar e ainda a que não são os mais proprios para arrostarem com a violencia do mar conforme nos informa pessoa autorisada e conhecedora do assunto.

E' pois absolutamente indispensavel para atender não só ás reclamações daqui enviadas como a tantas outras que sobre o mesmo caso tem chegado ás instancias superiores, que, sem demora, seja ordenada a saída de mais barcos afim de que a sua presença possa eficazmente impedir o inqualificavel abuso que se está praticando e com o qual sofrem, além dos pescadores, a riquêsa nacional, pois é de mais sabido que os barcos de arrasto, no seu destruidor sistêma de pesca, estragam os fundos, devastam a creação, aniquilam as desovas assim como destroem a alimentação das especies aquicolas.

E', sem duvida, esta questão uma das que mais precisa que urgentemente seja atendida e cuidada por quem lhe cabe o dever de a não abandonar.

Ao sr. ministro da marinha rogâmos as providencias imediatas e indispensaveis que a situação reclama.

## Semana Santa

Anda na rua uma circular pedindo donativos para ser este ano celebrado no templo da Gloria o oficio da Semana Santa, ou seja, como se diz na carta, *a festividade mais significativa e tocante para os que professam as crenças do catolicismo.*

Assinam-na uma comissão de individuos na sua maior parte republicanos aderentes, filiados no partido evolucionista, pelo que se desconfia da vinda do sr. dr. Antonio José de Almeida novamente a esta cidade para assistir, de opa e cirio, á tocante cerimonia em que os seus correligionarios andam empenhados.

Pela nossa parte o que muito estimaremos é que a festa dos evolucionistas corra á medida dos desejos de todos, para que o céo os abençõe e não esqueça a acção *patriotica* e *liberal* dos amigos que em Aveiro conta o velho demolidor da monarquia.

**O Democrata**, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

# O Brazil de hoje

## A'S PORTAS DA FOME!

## A crise das fabricas de moveis

## A angustia de fabricantes, comerciantes e operarios

### AINDA COM VISTA A UM JORNALISTA BRAZILEIRO RESIDENTE EM LISBOA

Cá estamos novamente...

O *superno* Canido de Castro, que em Lisboa exerce as funções de correspondente oficial do *Correio da mânha*—perdão, do *Correio da Manhã*—aqui do Rio, deve concordar que as acusações bem bilontras que ha pouco assacou contra o distinto homem de letras, sr. Simões Coelho, nosso compatriota atualmente residente na capital brazileira, onde é bastante conhecido e estimado, não só são filhas do odio que o *ilustre* jornalista brazileiro mostra ter a tudo quanto é português, como ainda constituem a maior das torpêsas.

O sr. Simões Coelho, em suas magnificas cartas para *O Seculo* tem mais ou menos combatido a emigração portugueza para o Brazil, mas tem-no feito, aliás, com elevado critério e superior justiça. Nunca insulta para fundamentar os seus escritos—argumenta. Nunca procura, tão pouco, para persuadir os que pensam em abandonar a patria-mãe, atassalhar as coisas e os homens do Brazil—esclarece com dados claros, palpaveis, e combate, portanto, com factos iniludiveis, irrefutaveis, seguros.

Mas isto, porém, esta nobre e patriotica atitude do nosso ilustrado compatriota parece fazer irritar o sr. Candido de Castro, esse *troca-tintas* que tão *amavel* tem sido para comnosco—*os galegos*, e para com o nosso belo e hospitaleiro país—*a sintese da tirania superlativa*...

Sim, amigos. O sr. Candido de Castro, criatura amulatada que, como tantas outras, sofre de lecrofobia aguda, de quando em vez surge, numa irritabilidade que enjoa, que comove e excita, com inqualificaveis verrinas contra a imprensa portuguêsa por éla estar—diz o patetinha das luminárias—levantando, desde a proclamação da Republica, uma cruenta guerra contra o Brazil!

Ora esta acusação, como vêem, é simplesmente canalha e torpe. A imprensa portuguêsa nunca desceu á vilania para menosprezar um país amigo como o Brazil. Nunca, sr. Candido! Sabe ser cordata, mesmo nas ocasiões mais amargas. Se realmente está, agora, condenando a emigração nada mais faz do que atender a uma necessidade inadiavel e que todos reconhecem e aprovam.

Mas a imprensa portuguêsa, felizmente, não condena a emigração, nunca a condenou, com as mesmas diatribes de que sempre lança mão a mór parte da imprensa brazileira quando quer ferir os nossos brios e o nosso amor-patrio. Não insulta um país, nem desprestigia um povo. E' uma imprensa culta que sabe vencer obstaculos sem atassalhar; é uma imprensa de principios que sabe propagar e defender ideias sem lançar mão da gazua...

Assim, se condena a emigração, agora, nesta conjuntura de angustias, é porque os interesses nacionaes o exigem, é porque a actual situação economica-financeira do Brazil, não é satisfatoria, nem sequer propicia a aventuras...

E demais—que diabo!—são os proprios jornaes brazileiros que melhor fonte de elementos fornecem á imprensa lusitana para éla não suster essa campanha em tudo justa e por tudo patriotica, campanha que tanto parece irritar o sr. Candido de Castro—o gratuito e velhaco agressor dos portuguezes e de Portugal republicano.

E' éla propria, sim, a imprensa brazileira que melhores elementos de combate fornece, dia a dia, á nossa imprensa para tão louvavel e santa campanha, como aqui o temos demonstrado e demonstraremos ainda.

E não nos venha o sr. Candido de Castro, pelas suas cartas sensacionaes, dizer que não ha crise, que não ha fome na

> ... *terra das palmeiras,*
> *Onde canta o sabiá...*

Se o fizer... obrigar-nos-ha, pois, a gritar-lhes como aquele escravo grego quando açoitado pelo algoz:

**—Bata, mas escute!**

Porque sômos dos que não se deixam vencer com verrinas canalhas. A's verrinas do correspondente do pasquim onde pontifica, ha anos já, o famigerado Eugenio Silveira, responderemos com factos e só com factos. E' este o nosso dever como patriota; o sr. Candido de Castro, porém, que faz do patriotismo questões de barriga, que faça o mesmo—mas com lealdade e educação. Isto é, que negue, já que assim o quer, não ser angustiosa a actual situação economica-financeira no Brazil, mas negue com dados, baseando-se em factos seguros, irrefutaveis, e não em arremedos gaiatos, em boçalidades que revoltam e indignam.

Faça, pois, sr. Candido de Castro, como nós; faça, pois, como todos devem fazer aí, nesse lindo e encantador país onde não canta, é certo, o *sabiá*, mas onde canta nas noites do estio, o rouxinol: acompanhe com interesse esta angustiosissima situação que debilita os homens e corrompe os lares e, em face da sua gravidade, que é grande e assustadora, gritemos todos em côro e bem alto:

**—Não emigrem para o Brazil!**

E não se insurja, sr. Candido—Candido no nome, mas Moloch nos propositos...—contra nós. Perde, creia, o seu tempo e forças, para rebater as suas continuas diatribes sem razão e sem nexo, a lançar mão desta *beleza de hortaliça* que mais abaixo transcrevemos e que fômos encontrar no vespertino carioca—*A Noite*.

* * *

Ha dias, aqui mesmo nestas colunas de *O Democrata*, falámos da crise geral; ontem falámos das pedreiras e dos pobres canteiros; hoje falâmos das fabricas de moveis; ámanhã...

Mas vamos, por agora, ao presente.

Vejâmos, portanto, o que *A Noite* diz sobre a crise que atravéssam as fabricas de moveis, sob os alarmantes titulos:—**A's portas da fóme!—A crise das fabricas de moveis.—A angustia de fabricantes, comerciantes e operarios.**

Ora vejâmos:

. . . . . . . . . . . . . . . . .

«Na primeira casa onde fômos, os conhecidos fabricantes Auler & C.ª, déram-nos a impressão de um grande desanimo.

—Para os Estados não se vende mais!—dizem-nos estes negociantes.

Temos a nossa fabrica trabalhando... Até quando, não sei. Conservo os mesmos operarios por enquanto: se algum se despede, não coloco outro no logar.

O varejo, que é ainda o que vae dando para nos sustentar, esse mesmo tem descido muito. As dificuldades são iguaes em todas as industrias. O mal é geral.

A miseria invade lentamente o lar do operario. Todos os dias vêm aqui centenas, pedir trabalho.

Ainda ha pouco, esteve aqui um velho operario, chefe de numerosa familia, pedindo que lhe désse algum serviço. **Chorava! Disse-me que não tinha que comer. Já tinha vendido tudo quanto poderia dar dinheiro, restava-lhe unicamente a cama!** Tinha mulher e filhos.

Dei-lhe uma esmola e o pobre homem foi-se embora.

**Como este, ha milhares!**

Fômos aos srs. Leandro Martins & C.ª. Esta casa, uma das mais conceituadas, tem o seu deposito de moveis em dois grandes predios da rua dos Ourives.

Um grande silencio enchia todo o armazem. Um dos socios dirige-se para nós. Julgou-nos um freguez, certamente. Mas falámos-lhe da crise...

**—A crise! E' uma cousa horrivel!.. Não me lembro de ter atravessado jámais uma época igual.**

Dos viajantes que tenho pelos Estados, as noticias recebidas são pessimas. Não ha vendas, nem recebimento de dinheiro, o que é peior.

—E o varejo?

—Vae-se vendendo sempre alguma cousa. Não tanto como em outros tempos... o que quer dizer que a crise atingiu mesmo os mais abastados da nossa sociedade.

Antigamente, quem casava, queria uma mobilia boa. Não fazia questão de gastar um, dez ou doze contos.

Agora, além desses freguezes terem diminuido, ha o medo de gastar muito.

—E a fabrica? Produz muito?

—Vae fazendo uma ou outra encomenda que aparece. **Os operarios queixam-se... fazem pouco.**

Estavam habituados a trabalhar dias feriados e dias santos e ás vezes ainda tinham serões. Só estes representavam um grande aumento nos salarios do operario.

Agora, não têm nada disso, só trabalham nos dias uteis.

**Muito fazemos nós em conserval-os ainda... Estamos vendo as cousas tão ruins!...**

Em seguida démos um pulo á casa do sr. João Vidal, sucessores do fabricante Tunes.

—Acompanho o côro dos que se queixam, diz o sr. Vidal, mas vou-me sustentando. **Não se faz negocio porque o particular não compra nem paga e o govêrno faz a mesma coisa.**

—Então o govêrno?

**—Deve-me perto de tresentos contos de reis!** Calcule como uma fabrica com centenas de operarios a quem é preciso pagar todas as semanas, póde arcar com brilho com tal situação! **E não vejo e não tenho esperança de que isto melhore tão cedo...**

E o côro de lamentações justas vae-se erguendo de todos os lados, onde haja uma actividade viva condenada á morte pela crise actual. E o que é mais gràve é que a gangrena da falencia vae tomando conta das nossas industrias, reflectindo-se imediatamente no aumento do exercito de esfomeados que a falta de trabalho está creando...

A québra da marcenaria Carvalho pôz sem emprego centenas de operarios.

E as casas que fizeram concordatas? E as que estão quasi a fechar?

**A situação é angustiosa.**

E' angustiosa porque, quem **não tem que comer, trata de vender e empenhar o que tem.** Ha um termometro para isso: esse termometro chama-se *belchior*, uma especie de uzurario que **compra por dois o que vale vinte, e a quem tudo serve—colchões servidos, despertadores americanos, mobilias de estilo, tapetes, pesos, trens servidos de cosinha, etc.**

Esses *belchiors* estão crescendo. E' um simtoma de que o negocio prospera.

Fômos percorrel-os.

O sr. Severino Sá, dono da casa á rua do Hospicio, diz-nos que **nunca viu um espectaculo tão triste como o de agora. Todos os dias vão ali, ao seu negocio, centenas de pessoas oferecer moveis. Imploram, choram... Até as proprias camas, desde que estejam ainda em boas condições, são oferecidas á venda.**

—Eu tenho a casa cheia como o sr. vê—diz-nos o sr. Severino. Depois não se vende uma peça, seja do que fôr. Passam-se dias e dias sem entrar um freguez que compre alguma cousa. **Estamos todos numa situação intoleravel.**

Pensámos, ao sair, nos nossos operarios... Exactamente no governo do *Pae dos operarios*, como o cognominou meia duzia de cavadores, é que a situação dos infelizes trabalhadores peiorou horrivelmente.

**A que acto de desespero serão levados esses homens agrilhoados pela fome?...»**

Leu, sr. Candido de Castro? Olhe que é um jornal brazileiro quem assim fala.

Porque se insurje, então, contra a imprensa portuguêsa?

Acaso não será patriotico, humano mesmo, evitar que se agrave a melindrosisssima situação em que, por todo este vasto Brazil, se encontram milhares e milhares de compatriotas nossos?

Diga-nos, sr. Candido de Castro, estando o Brazil presentemente a braços com uma crise que atinge todas as classes, mesmo as mais abastadas, não havendo trabalho, nem dinheiro, porque se insurje contra a imprensa portuguêsa que, no melhor dos intuitos, apenas procura evitar que o exodo continue e, conseguintemente, que a fome se alastre como o maior dos flagelos? Porque se insurgiu contra o sr. Simões Coelho que apenas se tem limitado, na melhor das intenções, a mostrar, no jornal *O Seculo*, que é um erro emigrar para o Brazil onde são aos milhares, só aqui no Rio, os homens que se sujeitam a trabalhar pela comida?

Deixe essa sua lamentavel insensatez, sr. Candido de Castro, que o arrasta a tão ingloria como pulha bilontrice e, se não quizér ajudar-nos nesta obra verdadeiramente humanitaria, seguindo o exemplo da maior parte da imprensa brazileira, faça, ao menos, como aquela autoridade da Baía que, num gesto que só por si a nobilita, fez sentir ao consul português ali residente que lembrasse ao nosso govêrno a necessidade de evitar, tanto quanto possivel, a emigração nesta conjuntura de sobresaltos e de fome, de miseria e de lagrimas!

Assim, sr. Candido de Castro, praticaria uma acção louvavel. Louvavel e humana.

Rio de Janeiro.

**J. Fernandes Tavares**



## Centro Escolar Republicano Democratico de Angeja

### (Delegacía em Lisboa)

Reuniu em assembleia geral no Centro dr. Afonso Costa, sob a presidencia do cidadão Manuel Marques de Oliveira secretariado pelos cidadãos João Aires Afonso e Antonio Maria Dias Pires, a delegacía em Lisboa do Centro Democratico de Angeja não só para discussão dos relatorios da séde e da delegacía, mas tambem para se proceder á eleição dos novos corpos gerentes para 1914.

Quanto ao primeiro assunto ficou demonstrado o quanto é prospera a situação dos dois nucleos republicanos que os relatorios apresentam com importantes saldos o que só prova a favor da sua bôa administração.

Para os corpos gerentes ficaram eleitos: *presidente*, Manuel Marques de Oliveira; *1.º secretario*, Eduardo de Oliveira Ferreira Santos; *2.º secretario*, José Ferreira Souto; *tesoureiro*, Fernando Nogueira Trindade e *vogaes*, Joaquim Pinto de Almeida, Francisco Alves da Silva e Sebastião Rodrigues da Silva.

Antes de ser encerrada a sessão, fizeram uso da palavra, entre outros, os socios Abel da Silva Maio, Izidro R. dos Santos, Manuel Marques de Oliveira, Antonio Maria Dias Pires, João Francisco Neves e Eduardo de Oliveira Ferreira Santos, ficando consignado na acta, depois de se tratar da nomeação do delegado ao Congresso da Figueira da Foz, um voto de louvor á direcção transata pela maneira como conduziu a sua administração de modo a apresentar um importante saldo nas suas contas.

O socio sr. João Dias Gorjão justificou, em carta, a sua falta á sessão, o que foi levado em conta.

## PELA IMPRENSA

### «O Desforço»

Passou ha dias o aniversario deste nosso presadissimo confrade que sob a direcção do velho republicano sr. Artur Pinto Basto se publíca em Fafe.

Prende-nos ao *Desforço* uma camaradagem de antigos companheiros de luta pelos principios democraticos, que de ano para ano se tem radicado cada vez mais, motivo porque o simples registo dessa data o achâmos pouco para quem, como Pinto Basto, dedicadamente se tem sacrificado sem outro fito que não seja contribuir para a regeneração da Patria pela Republica.

E porque o *Desforço* vai já a caminho do seu 22.º ano, e porque Pinto Basto ainda não deu por terminada a sua tarefa, tal como nós, apesar das ingratidões havidas para com ele, por essa dupla razão aqui lhe deixâmos consignados os nossos afectuosos cumprimentos para juntar a tantos que o estimavel colega vem recebendo.

= *A Tribuna*, é um novo jornal que principiou a publicar-se em Lamego orientado pela Comissão Executiva do Partido Republicano Português e portanto seu orgão naquela cidade.

Muita vida lhe desejâmos.

= Festejaram tambem ha dias os seus aniversarios o *Abrantes* e o *Jornal de Vagos*, colegas de quem temos recebido bastantes provas de solidariedade desde que comnosco estabeleceram permuta.

Felicitâmo-los cordealmente.

## Feira de Março

Com o bom tempo veio tambem a concorrencia ao mercado do Rocio que, principalmente no domingo, teve desusado movimento fazendo-se importantes transações.

Se assim continuar é possivel que a feira se prolongue ainda até ao dia 10 deste mez.

**Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.**



## Notas mundanas

*Batisou-se no domingo preterito na egreja da Gloria uma filhinha do antigo toureiro Antonio Diniz Trapa, residente em Espinho. paraninfando o distinto sportman, sr. Mario Duarte e sua esposa, a sr.ª Baroneza da Recosta.*

*A neofita recebeu o nome de Judit Maria Tereza.*

= *Estivéram em Aveiro os srs. Manuel de Souza Carneiro, drs. Elisio Sucena, Eugenio Ribeiro e João Sucena, de Agueda; Francisco de Souza Garganta, de Veiros; Joaquim dos Santos, de Bustos; Guilherme Francisco Luiso, de Nariz; João de Almeida Freitas, de Vila Chã; Montenegro dos Santos e dr. Pinto Coelho, de Espinho; Manuel Gomes e Francisco de Almeida Eça, de Estarreja e Claudio José Portugal, de Mamodeiro.*

= *Só agora soubémos que esteve gràvemente enfermo, o nosso amigo sr. dr. Manuel Francisco Teixeira, cujas melhoras se vão acentuando.*

= *Tamben se acha livre de perigo, entrando já em convalescença, o sr. João da Graça.*

= *Acham-se em Lisboa os srs. Bernardo Torres, presidente da comissão executiva da câmara municipal e Antonio Maximo Junior, amanuense do govêrno civil.*

## VISITANTES

Em companhia do nosso amigo e antigo colaborador, sr. Felix Fernandes Perneco, empregado nos serviços centraes da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, estivéram no domingo em Aveiro os seus colegas, srs. Feliciano Barral e J. Corrêa da Rocha e ainda o sr. Augusto Gomes Froes Junior, engenheiro do serviço de via e obras da mesma companhia, que á noite retiraram no *rapido* para Lisboa depois de terem ido ao Muzeu, visto a feira e percorrido em *auto* alguns pontos dos arrabaldes da cidade dos quaes colheram e levaram agradaveis impressões.

Com o panorama da ria, principalmente, foram os nossos hospedes encontrados motivo por que nova visita ficou aprazada, então para, em *gazolina*, percorrerem os lindos canaes de que Aveiro está cercada e que desta vez não pudéram fazer por falta de tempo.

Pois que venham que teremos muito gosto em os receber e acompanhar.

### Atravez de Africa

# Passando o tempo

## O EGYPTO

O Nilo nasce no Lago Victoria, atravéssa a Abyssinia e a Nábia, banha diversos países e vai desaguar no Mediterraneo, perto de Damietta.

O Egypto antigo compreendia apenas o Vale do Nilo; a parte situada a Léste era considerada uma dependencia da Azia e a situada a Oéste uma dependencia da Libia.

Os seus povos eram tão ignorantes que, nêsse país fertil e fecundo, se alimentavam apenas de ervas e raises, porque não conheciam ainda a agricultura.

Os etiopes negros, descendentes de *Cham*, que, segundo a lenda, era filho de *Noé*, tendo seguido a corrente do Nilo, depois de terem fundado a cidade de *Méroé*, rapidamente se espalharam por todo o Egypto.

Fundaram a seguir a cidade de *Thebas*, no alto Egypto, e ensinaram aos naturaes o uso da agricultura, servindo-se já do arado, do qual tiraram o seu emblema real, que era uma relha.

Depois, seguiram até onde o Nilo se divide, formando um Delta (letra grega em fórma de V) e se confunde com as suas ramificações e, onde o terreno era mais fertil, aí se estabeleceram.

Esta parte do Egypto era ainda ha pouco mais de cem anos quasi desconhecida; só depois que Napoleão I desembarcou em Alexandria e tomou a cidade do Cairo, e, emfim, correu o Egypto, é que se tornou mais conhecida. No entanto, muito ha ainda a estudar a respeito dessa parte da Africa, pois que ainda se não decifraram todas as inscrições dos seus monumentos.

Até aqui tratou-se dos tempos pre-historicos, de épocas indeterminadas.

*Ménés* ou *Mena*, destruia o govêrno dos sacerdotes, unificou o país e fundou a monarquia despótica, de podêr absoluto, dos primeiros *Farós*. Habitava *Themas*; mas o seu podêr e a sua autoridade não iam além dos arredores da cidade. Aumentou depois a extensão do seu reino e mandou fazer diques para impedir que o Nilo alagasse inteiramente os campos, e, na região por tal fórma preservada, edificou *Memphis*, de cuja cidade hoje só restam ruinas, proximo das quais está atualmente a cidade do Cairo.

A data da unificação do Egypto parece não estar bem definida—o que não admira—pois alguns historiadores atribuem a realisação desse acto, por volta do ano quatro mil ou cinco mil antes de Cristo; outros, porém, como *Fleury* dizem que foi dois mil e quatro centos e cincoenta anos antes de Cristo. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que, daqui, partiu o germen para a formação do imperio antigo dos Faraós.

Os egypcios adotaram, em religião, um *Deus* unico; porém, mais tarde, introduziram a *Trindade* dos *Deuses*, e, por essa fórma, quasi desapareceu a noção da primeira crença. Cada provincia tinha a sua *Trindade: Pae, Mãe* e *Filho*, sendo as mais populares as de *Osiris, Iris* e *Heorus*. Os *Deuses* multiplicaram-se com o correr dos seculos e assim tudo acabou num fetichismo estupido com o culto dos animaes.

Acreditavam na imortalidade da alma; conservavam os cadaveres durante longo tempo, parecendo impossivel como, passados tantos anos, se encontram *Mumias* em tal estado de conservação!

* * *

O Egypto foi invadido por diversas vezes. A primeira deve ter sido a do tempo do rei *Timaos*, por uma raça a que chamaram dos *pastores*, por trazerem consigo grandes rebanhos, vindas dos lados do Oriente. Os invasores assenhorearam-se de parte do Egypto, trucidaram os sacerdotes, incendiaram a cidade, desfizéram os

templos e escolheram para seu rei a *Salatis*.

*Thebas*, porém, continuou em poder dos naturaes.

Reinaram, assim, durante trezentos anos, os descendentes dos pastores do Oriente. Mas, passado esse tempo, *Toutuasis*, rei de *Thebas*, o mesmo que mandou prender José, filho de Jacob e que mais tarde lhe entregou o govêrno do Egypto, fez-lhes guerra e expulsou-os.

Daí em diante começaram as grandes construções do Egypto, éssas maravilhas que assombram o mundo pela monstruosidade das suas piramides, obeliscos e esfinges. As suas estatuas são grandes monstros, mas sem elegancia alguma.

Entre as maravilhas do Egypto conta-se o lágo *Bizhetel-Zeraun*, mandado abrir por *Moeris*, rei do Egypto, o qual tem por fim receber as aguas do Nilo que são distribuidas por diversos canaes, e no tempo sêco empregadas para irrigações dos campos.

* * *

*Aménophis* perseguiu os *êbrêos* de *Moizés* até ao mar Vermelho. Seu filho *Sesostris* ou *Ramsés*, *o Grande*, foi um principe inteligente, conquistador temido, legislador prudente, etc.

Foi no tempo de *Sesostris*, que os egypcios fundaram uma colonia na Europa, que mais tarde se chamou Grécia, para onde levaram as artes de seu país e aí fundaram a cidade de Athenas.

Foi, pois, o Egypto o berço da civilisação, visto que aí e na *Chaldeia*, antes de todos os outros povos, se conhecia a escrita figurada, escrita que só os sacerdotes conheciam e que, por éssa razão, a historia do Egypto é quasi desconhecida, acrescendo ainda que, com o primeiro incendio de Alexandria, desapareceram parte dêsses manuscritos.

Do Egypto a civilisação passou ás cidades da Asia e da Europa.

Os egypcios desenvolveram, em alto gráu a literatura e as ciencias: a medicina, a geometria, a mecanica, a filosofia, a geografia, a astrologia, e, principalmente, a astronomia.

Conheceram as estrelas, os planêtas e o movimento de translação destes determinou a duração do ano em 360 dias e fixaram os seus calendarios.

No antigo imperio havia já bibliotécas em tijolos escritos, na escrita hieroglifica, segundo se crê; no entanto, não se sabe o que continham, porque não chegaram atè nossos dias e apenas se conhecem por obras do segundo imperio ou médio.

*Plotomeu Soter* reuniu, na cidade de Alexandria, grande quantidade de livros com que formou uma bibliotéca de manuscritos, a qual chegou a possuir 700.000 volumes, que desapareceram, em grande parte, num incendio que casualmente pegou na mesma bibliotéca, em ocasião duma das guerras que o Egypto sofreu.

Que de historias desconhecidas, que de maravilhas desapareceram para sempre!

Talvez muita coisa que hoje é nova e que tem imortalisado os seus autores o não fôsse se todos esses livros existissem.

Fundou-se depois com os restos dos livros escapados das chamas, na mesma cidade, uma outra bibliotéca, aumentada com livros vindos de diversas partes.

O Egypto, devido talvez aos seus diversos conquistadores, tem-se conservado estacionario ha alguns seculos a esta parte.

Sambo, 26—12—1913.

**J. Henriques de Castro**



## Fiscaes dos impostos

Foi em Junho do ano passado aberto concurso documental para logares de fiscaes de 2.ª classe do Corpo de Fiscalisação e Impostos sem que até hoje aparecesse publicada a relação dos admitidos e bem assim as respectivas classificações de cada concorrente. Não obstante isso, 29 nomeações foram já feitas e porque o *Primeiro de Janeiro* do dia 27 de Março ultimo extranha tambem o facto eis a razão do pedido que vamos fazer ao sr. Ministro das Finanças em nome de alguns interessados, para que no *Diario do Govêrno* ordene a publicação das classificações com a maior urgencia possivel afim de cada concorrente saber em que condições se encontra, o que é de inteira justiça.



### Necrologia

Após um parto laborioso, faleceu ontem a esposa do sr. Manuel da Silva Corado, estabelecido com relojoaria na rua de José Estevam.

Era filha do enfermeiro do hospital, sr. José Monteiro Teles dos Santos e irmã dos srs. João Teles Abrunhosa e José Monteiro Teles dos Santos Junior, a quem enviâmos, bem como á restante familia enlutada, os nossos pêsames.

## CARTA

—=(*)=—

Cidadão redactor

*No seu conceituado jornal* O Democrata *de 27, vem publicada uma carta em que o seu signatario, sr. Antonio Corrêa Godinho, defende, na qualidade de sobrinho, com seu cerebro fertil, coberto com a mascara de independente, seu tio e professor deste logar de Pinhão de Pindelo, que a isso se prestou a caracter. Para punir pela instrução dos meus filhos, permita-me o articulista que lhe diga que para asseverar a verdade que calcou ou quer calcar aos pés, irmã legitima da razão que me assiste, não foi preciso andar pelos bancos dos seminarios a envenenar o meu cerebro com o fanatismo. Vivo do meu trabalho honesto e sou pobre; não tenho o Deus Milhões em casa, para os educar á minha custa, por isso venho confirmar perante o publico, mas com a cara a descoberto, não para servir de capa de ninguem conforme o articulista* diz, ser verdade seu tio e professor ter mostrado manifesto desleixo e pouco cuidado com a instrução que administra quasi sem resultado algum. Eu presumo que é devido ao dito professor empregar mais toda a sua actividade na industria de lacticinios, dando em resultado o desleixar-se, como atraz me refiro, etc. *Não é um industrial, um leiteiro e comerciante de pórcos? Deixou de ser professor porque ocupa um cargo incompativel com sua posição. Vem mais o articulista como arma de sua defêsa alegar que é tudo devido á politica; mente mil vezes, mente!*

*E' devéras ridiculo o meter cidadãos para o caso em litigio quando eles não lhe respondem porque o dão ao despreso, porque não pertencem a essa politica clerical, podre e devassa.*

*Porque é que seu tio e professor, em logar de lhe pedir para o defender neste periodico, não me chama á responsabilidade perante o tribunal? Poderá ele provar que não é um leiteiro, creador e negociante de pórcos? Poderá ele provar que a casa da bibliotéca da escola não tem servido de adega e de salgadeiras de carne? Poderá ele provar que o terreno destinado ao recreio das creanças não tem servido para estrumeira e curral de animaes? Poderá ele provar que a casa da aula não serviu de palheiro desde fins de agosto até dezembro preterito? Com referencia á instrução desde 17 anos de permanencia nesta escola só sairam aprovados seis alunos!*

*Perdeu pois o articulista uma boa ocasião para estar calado e escusa mais de me desmentir que, por despreso, não lhe respondo que tenho mais em que pensar e principalmente na instrução dos meus filhos, que tem sempre sido nesta terra uma palavra vã. A espada da justiça tem que ser desembainhada muito embora o articulista lhe ponha peias, por isso novamente clamo, chamando a atenção do Ex.mo inspector do circulo escolar de Oliveira de Azemeis para que ordene uma sindicancia á escola; do contrario, sem tibiezas, o éco da nossa vós continuará até chegar ao Ex.mo Ministro da Instrução Publica.*

*Pela publicidade destas linhas muito grato lhe fica o que se subscreve*

*De v. etc.,*

*Pinhão, 29—3—1914.*

**J. da Costa Santos**

## O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 40$00 o vagon.

## Principios de incendio

Na quarta-feira foram chamados os socorros dos bombeiros para a parte do asilo onde se acha instalado um batalhão de infanteria 24 e em cuja chaminé se havia declarado fogo, logo extinto por algumas praças daquele regimento.

Compareceu imediatamente a antiga companhia dos Voluntarios desta cidade com todo o seu material, tendo seguido para o quartel de Sá a dos bombeiros Guilherme Gomes Fernandes devido a um engano no numero das primeiras badaladas de alarme que na torre dos Paços do Concelho tivéram ressonancia.

Não houve prejuizos de maior.

=Tambem na madrugada de hoje se manifestou incendio, que felizmente não atingiu proporções de maior, na fabrica de serração de madeiras de Jeronimo Pereira Campos & Filhos, chegando a ir ao local as duas corporações de bombeiros, que não trabalharam por o fogo já se considerar extinto.

A primeira a comparecer foi a Guilherme Gomes Fernandes.

## Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

**ABRIL**

| DIAS | PHARMACIAS |
| --- | --- |
| 5 | REIS |
| 12 | MOURA |
| 19 | LUZ |
| 26 | RIBEIRO |

## Agradecimento

Antonio Martins dos Santos, natural de Malhapão (O. do Bairro) mas residente no Rio de Janeiro, vem por este meio agradecer a ás pessoas que se dignaram acompanhar os restos mortaes de seu falecido pae, José dos Santos, á ultima morada e ainda áqueles que em tão triste lance lhe déram provas da sua dedicação, pelo que a todos se confessa imensamente grato.

Rio de Janeiro, 16-3.°-1914

## CORRESPONDENCIAS

### Requeixo, 1

### EXPLICANDO

Ao fechar a nossa correspondencia anterior ficámos no proposito de não nos importarmos com o procedimento da junta de paroquia desta freguezia destruindo as arvores plantadas em terreno publico pertencente ao logar da Povoa do Valado. Mas a natureza do assunto, contrariando aquele nosso proposito, aconselha-nos diversamente. E' por essa razão que mais esta vez, a despeito mesmo de não termos competencia para isso, vimos oferecer os pobres e despretenciosos comentarios que nos sugere o texto do famoso edital de 5 do mez ultimo, unico no seu genero e que por isso mesmo nem nobilita a circunscrição a que diz respeito nem inaltece a corporação que o gerou.

Esse edital, como no mesmo claramente se diz, é a consequencia da deliberação da junta tomada no dia 4.

Tal deliberação tem por fim aconselhar os habitantes do logar da Povoa do Valado a não consentir na continuação dos serviços encetados no largo pela Câmara Municipal, como sejam: remoção do chafariz para logar mais adquado, aformoseamento do terreno, arvorisação e esgoto do mesmo, com o fundamento (?) de que taes melhoramentos teem por fim presentear um particular! Inverteram os termos.

Um particular, não o visado, mas outro cujo nome se ocultou no celebre edital, é que se tem julgado no direito de se servir do terreno em questão, e é aqui que bate o ponto. O visado pela junta apenas promove o bem comum sem outro interesse que não seja o de dispender do seu bolso a verba relativamente avultada de 500 escudos para aformoseamento do terreno e salubridade publica.

Outra circunstancia importante nos sugere o texto do edital a que nos temos reportado.

Nesse documento não se diz se na deliberação tomada na vespera se compreende a destruição das arvores. Se assim é, admira que a junta não tivésse outra orientação, porque isto de destruir o que tão util é em terreno publico, reputamo-lo nós de um acto criminoso, e não é com tal procedimento que a junta prova a sua posse e direito ao terreno. Não.

Sem maus tratos á imaginação, a junta tinha por dever—pelo menos a prudencia assim aconselha—entender-se com a Câmara fazendo-lhe sentir que o terreno era pertensa da junta e não do municipio; e quando a Câmara invocasse e sustentasse o direito para si, lá estavam as instancias competentes para decidir o pleito, de modo que, se pela decisão ulterior o terreno fosse julgado como pertensa da paroquia, ficava esta beneficiada com um melhoramento gratuito.

Se, porém, a junta, depois de tomada a deliberação de 4 de março, se dispoz ao corte ou arranque das arvores sem previa deliberação, o caso torna-se mais reparado por excesso de atribuições.

Estará, pois, o procedimento da junta em harmonia com as atribuições que a lei lhe contere? Em nosso entender não está, pelo menos sob o ponto de vista moral, que não ofendia nem prejudicava a parte juridica.

Vem a junta dizer-nos no seu famoso edital de 5 de março que o povo da Povoa do Valado, a proseguirem os trabalhos encetados pela Câmara no terreno de que se trata, ficava privado de ali expôr os seus generos á venda etc.

Oh! deuses imortaes! Pois o recinto sul, limitado pela estrada ou caminho que divide o mesmo recinto do terreno em questão não serviria provisoriamente para esse fim? Pois então o terreno beneficiado pelos melhoramentos empreendidos a instancias de Manuel Francisco Braz não ficaria mais adequado a esse fim do que tal qual está? E' preciso dizer-se que esses senhores são miopes de mais, ou que a outra gente é totalmente cêga.

Já dissêmos na nossa ultima correspondencia que o sr. Manuel Francisco Braz não invocava, nunca invocou, direito algum ao terreno, só podendo dele aproveitar um pouco de sombra quando ali a houvesse. Por outro lado, o cofre da junta nada recebe desse terreno; portanto, e atento a não haver interesses materiaes para a junta nem para o sr. Manuel Francisco Braz, é claro que prejuizo nenhum podia haver para o povo que continuava a aproveitar com mais vantagem o seu terreno depois de concluidos os subsequentes melhoramentos.

Mas á junta de paroquia presidiu a ideia de se fazer mais papista que o pápa, obtemperando ao desejo dos *bispos*...

F.



### JUNTA GERAL DO DISTRITO DE AVEIRO

## Concurso

A Comissão Executiva da Junta Geral do distrito de Aveiro fáz público, que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação deste, no *Diario do Govêrno*, para provimento dos logares de chefe de secretaría com o ordenado anual de 360 escudos e de tesoureiro com o ordenado anual de 400 escudos.

Os concorrentes deverão instruir os seus requerimentos com os documentos exigidos no decreto de 24 de dezembro de 1892.

Secretaría da Junta Geral do distrito de Aveiro, 23 de Março de 1914.

O Presidente da Comissão Executiva,

**Antonio Maria da Cunha Marques da Costa**